

## A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS PARA O RESGATE CULTURAL NAS ESCOLAS DO CAMPO

Fabiana Cristina de Oliveira Souza Cardoso<sup>1</sup>;

Daniela Carla de Oliveira<sup>2</sup>.

### RESUMO

Esta experiência surgiu com a realização da Olimpíada de Língua Portuguesa, com o intuito de ensinar o gênero de memórias literárias a educandos/as de uma Escola do Campo que está situada às margens do Rio Paraná. A experiência foi realizada em 2010 e envolveu vinte e um educandos/as da sétima série da Escola Estadual de Porto Camargo, distrito de Porto Camargo, Município de Icaraíma-Pr., comunidade ribeirinha. Foram realizadas oficinas de leitura e produção textual com a intenção de escrever sobre o modo de vida da comunidade, estabelecendo comparações entre o passado e o presente. A metodologia utilizada - entrevistas e produção de textos – através desta, envolvemos a comunidade que viu sua história ser recontada e registrada. Escrever sobre a comunidade em que se vive ajuda a estimular novas leituras, pesquisas e estudos, proporcionando um novo olhar acerca da realidade e possibilitando uma perspectiva de transformação social.

**Palavras-chave:** Memórias Literárias – Ribeirinhos – Escolas do Campo.

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, e-mail: [facriscardoso@hotmail.com](mailto:facriscardoso@hotmail.com) tel. 44 3584-1001.

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral. Daniela Carla de Oliveira é Professora, Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá e Pesquisadora em Educação do Campo.

## 1 CONTEXTO

A educação é um instrumento de mudança. É ela que, direta ou indiretamente, conduz as transformações cruciais em nossa sociedade, em nossa história, pois carrega o cerne da manifestação humana - a comunicação - ferramenta indissociável de qualquer cultura em que a presença central se constitui em torno do ser humano. Com a educação, repassamos as informações através da história e a cultura permanece, sustentando a existência do homem e expandindo-a cada vez mais, delineando os contornos que marcam sua presença, sua existência.

Marta Kohl de Oliveira (1997), ressalta que Vygotsky, também, considera que o desenvolvimento humano e a educação, constituem-se nos dois lados da mesma moeda. É pela educação, através da mediação social, que o sujeito internaliza a cultura e se constitui humano. “O desenvolvimento da expressividade ou da criatividade humana”, termo utilizado por Paulo Freire (2002), está atrelada a liberdade do indivíduo em si e da valorização de um povo. Esse processo é estimulado pela educação que pode se dar no espaço da escola, da família ou em nossa comunidade. Para tanto, ressalta-se a importância da construção de um projeto de vida e de mundo sustentável, onde o atendimento às necessidades básicas do ser humano seja prioridade.

Dessa forma, o autor respeita e enfatiza que o desenvolvimento se dá a partir da libertação e autonomia dos educadores/as e educandos/as, num processo em que ambos sejam sujeitos da sua construção histórica.

Devemos pensar que para os trabalhadores do campo, a educação é desenvolvimento de potencialidades e apropriação do saber socialmente construído. Trata-se de buscar na educação conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e elevem a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, ambientais, políticos e culturais. Os conhecimentos devem servir de instrumento para compreensão e resolução dos problemas que afetam as pessoas e a comunidade, como enfatiza Roseli Salete Caldart (2003b, p. 56). Então

educadores/as e educandos/as, educar é estimular o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade pessoal - intelectual, emocional, física - relacionada com a comunidade e a sociedade, como salienta Moacir Gadotti (2003).

Quando entendemos que para construir conhecimento é preciso tomar parte da prática que transforma a realidade, explicitamos a relação existente entre a educação, o desenvolvimento, a escola e a comunidade. Entender esta relação, para a Educação do Campo é uma questão fundamental, porque ninguém pode se livrar de uma opressão de classe se não tiver uma concepção de mundo que leve a criar e recriar a sua existência e, efetivamente vir a transformá-la. (Maria Cecilia Ghedini e Solange Tondero Von Orçay, 2009; p. 03)

A escola não pode fazer Educação do Campo sozinha. Só será possível quando este “movimento” estiver sustentado no processo social que cerca a escola. Terá que ter “um pé” nos movimentos, organizações e entidades da sociedade civil, fora da escola, uma vez que a Educação do Campo é uma tarefa dos povos do campo. São eles que devem assumir, retomar, compreender sua história e reconstruir os horizontes, os significados, e as lutas necessárias. O desafio é compreender que Educação do Campo é mais que escola, é um processo pedagógico “que se põe em movimento”; busca pelo que já se sabe e investiga pelo que ainda não se sabe, “ancorando-se” num passo após outro.(Ghedini; Orçay, 2009; p. 14).

## **2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Esta experiência iniciou-se pela necessidade de ensinar o gênero de memórias literárias e estimular os/as educandos/as a escreverem sobre o lugar onde vivem.

Trata-se de uma experiência pedagógica que procurou mostrar o modo de vida da comunidade do campo.

Esta prática foi realizada em uma comunidade ribeirinha com alunos da 7ª série, da Escola Estadual de Porto Camargo, localizada às margens do Rio Paraná, distrito de Porto Camargo, Município de Icaraíma-Pr.

A experiência aconteceu entre os meses de Maio a Agosto de 2010.

Participaram da prática 21 educandos/as da escola, a educadora de Língua Portuguesa, pais, avós e membros antigos da comunidade.

Durante os meses de Maio, Junho e Julho, foram realizadas 14 oficinas durante as aulas de Língua Portuguesa, sendo quatro aulas semanais e foram organizadas em 14 etapas que se dividiram em:

- ✓ Valorizar a experiência de pessoas mais velhas, compreender o que é memória, observar que as memórias podem ser registradas oralmente, perceber que objetos antigos podem trazer lembranças de um tempo passado;
- ✓ Conhecer a situação de comunicação de textos de memórias literárias;
- ✓ Conhecer o gênero e memórias, identificar as principais características do texto que os/as educandos/as irão produzir;
- ✓ Produção do primeiro texto de memórias literárias, a partir de um acontecimento marcante da vida do educando/a;
- ✓ Explorar o plano global do texto de memórias literárias, observação do foco narrativo nos textos;
- ✓ Observar as diferentes características da descrição e efeitos provocados pela forma de como os autores descrevem lugares, fatos, sensações e sentimentos nesse gênero de textos;
- ✓ Comparação entre o tempo antigo e o atual;
- ✓ Identificar palavras e expressões que remetem o passado, assim como os verbos e tempos verbais em textos de memórias literárias;
- ✓ Utilização dos sinais de pontuação;
- ✓ Planejar e realizar entrevistas com pessoas antigas da comunidade;

- ✓ Transformação dos dados coletados nas entrevistas em fragmentos de memórias;
- ✓ Análise de texto de memórias produzidos em situação semelhante àquela que os educandos/as irão produzir;
- ✓ Produção do texto de memórias literárias;
- ✓ Revisão e aprimoramento do texto produzido anteriormente.

A interação do grupo foi realizada através do estudo de textos impressos ou projetados no data show e audição de trechos de obras que constam no caderno de orientação da Olimpíada de Língua Portuguesa:

- ✓ “Transplante de menina” ouvimos a gravação de um trecho do livro do mesmo nome de Tatiana Belinky, e “Parecida mas diferente” do livro *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai, após a audição conversamos sobre como se sentiram ao ouvir essas histórias e sobre acontecimentos marcantes da vida dos/as educandos/as que ficaram registrados na memória de cada um;
- ✓ “Viver para contar” Gabriel Garcia Marquez, após a leitura e discussão do texto os educandos/as produziram um desenho imaginando e ilustrando como seria aquele lugar, ficaram ótimos e a exposição destes desenhos fez bastante sucesso na escola;
- ✓ “Minha vida de menina” Helena Morley, “Mercador de Escravos” Alberto da Costa e Silva. Francisco Felix de Souza, “Por parte de pai” Bartolomeu Campos de Queirós, ao analisarmos estes trechos estudamos sobre as diferenças existentes entre os gêneros: Diário, Relato Histórico e Memórias Literárias;
- ✓ “O valetão que engolia meninos e outras histórias de Pajé” Kelli Carolina Bassani, nesta oficina, os/as educandos/as receberam cópias do texto com os trechos recortados, que após ler e analisar tiveram que ordená-los para compor o texto trabalhando, assim, com o plano global do texto;

- ✓ “Os automóveis invadem a cidade” Zélia Gattai, fragmento do livro *Anarquistas, graças a Deus*, Projetamos o texto e pedimos aos educandos/as que localizassem no texto as comparações que a escritora faz entre os dias de hoje e o tempo em que era menina;
- ✓ “O lavador de pedra” Manoel de Barros “Por parte de pai” Bartolomeu Campos de Queirós, utilizamos estes fragmentos para observar os efeitos de sentido causados pela utilização de figuras de linguagem como: neologismo, comparação, metonímia, metáfora, personificação e onomatopéia;
- ✓ “Como num filme” Antonio Gil Neto, os/as educandos/as ouviram o texto do CD-ROM e também o tinham impresso, em um momento estratégico do texto, interrompemos a audição e discutimos sobre como eles imaginavam ser o personagem da história e como achavam que ela continuaria, após as opiniões prosseguimos até o final. Ao concluirmos a leitura retomamos analisando se as opiniões antes manifestadas estavam de acordo com o fim da história, as expectativas foram correspondidas para a maioria dos/das educandos/as.

Durante a realização das oficinas de leitura houve um grande interesse pelo gênero literário que despertou nos/nas educandos/as a curiosidade e comparações entre o passado e o presente e as oficinas que aconteceram durante aproximadamente 30 aulas foram insuficientes para tantas histórias que ouviam em casa e queriam compartilhar com a classe.

Chegamos ao passo de preparar as entrevistas que foi proposta pela educadora com o tema “O lugar onde vivo”.

As questões para a realização das entrevistas abrangiam sub temas como: modos de viver no passado, transformações da comunidade, eventos marcantes, meios de sobrevivência, lugares de trabalho, desapropriação dos ilhéus.

Neste momento, muitas dúvidas surgiram, pois grande parte da comunidade sobrevive da pesca; então, como relatar a passagem do tempo e o doloroso

momento de saída de suas casas nas ilhas que foram desapropriadas pela criação do Parque Nacional de Ilha Grande.

No entanto, resolvemos que o tema era importante e que deveria ser abordado, porque fazia parte da vida da maioria das pessoas desta comunidade, debatemos questões a cerca da exploração turística do local, a falta de condições de trabalho para os pescadores e a dificuldade causada pelo abandono do modo de vida em virtude da desapropriação dos ilhéus, tendo que adaptar-se ao novo modo de vida e forma de sobrevivência.

Ao delimitar os temas que poderiam despertar lembranças, os/as educandos/as ficaram livres para escolher e elaborar as questões.

As entrevistas foram realizadas em uma semana e a partir dos resultados os/as educandos/as com a ajuda da educadora começaram a transformar as entrevistas em relatos de memórias.

O trabalho de revisão aconteceu durante uma semana, ou seja, 04 aulas e mais o processo de reescrita que os/as educandos/as realizavam nas suas casas e com a ajuda da educadora chegaram ao resultado final.

### **3 CONSIDERAÇÕES**

Narrar memórias é uma habilidade que se aprende. Depois de recolher memórias das pessoas mais velhas da comunidade, os/as educandos/as podem reconstruir/recriar essas memórias, sem precisar fazer uma transcrição exata da realidade, pois o ato de narrar é sempre uma criação. Quando se narra um acontecimento de forma literária, o imaginário do narrador atua sobre as memórias recolhidas transformando-as. Ao transformá-las procurando dar-lhes uma "vida" da qual o leitor possa compartilhar, o narrador destaca alguns aspectos mais envolventes e suprime outros. (Anna Alternfelder, Regina Clara)

A aventura de escrever memórias literárias é uma experiência muito rica. A princípio parece não ser fácil, mas, com a ajuda do/a educador/a, os/as

educandos/as poderão aprender a ler e escrever esse gênero de texto tão importante para sua formação.

A realização das entrevistas aconteceu durante o mês de Junho/Julho e a exploração delas foi muita rica no ambiente de sala de aula.

De posse do material das entrevistas foi possível levantar questões sobre o modo de vida das pessoas, o que pensam do lugar onde vivem, seus anseios e angústias para com a situação atual de sobrevivência, percebemos, ainda, que a exploração turística do local atrapalha a vida dos pescadores locais.

Com as discussões os/as educandos/as perceberam a importância da organização e união da comunidade da qual fazem parte, no intuito de buscarem melhores condições de subsistência.

As dificuldades surgiram no momento em que os/as educandos/as teriam que transformar as entrevistas em um relato de memória, explorando e contextualizando a realidade em que estão inseridos.

Depois de alguns exercícios, exploração de textos de memórias e orientação por parte da educadora os/as educandos/as conseguiram fazer a produção inicial.

Passando da fase inicial e correções as produções chegaram ao fim, o texto melhor classificado foi enviado para concorrer na categoria de memórias literárias da 5ª edição do Prêmio Escrevendo o Futuro de 2010 da Olimpíada de Língua Portuguesa na etapa municipal, no entanto, não foi o vencedor, mas acreditamos que valeu a exploração e investigação que proporcionamos à comunidade, pois os integrantes dela viram suas histórias ganharem vida e ficarem registradas no acervo da escola, uma vez que são quase invisíveis e praticamente não existe material sistematizado sobre estes sujeitos.

Além das produções escritas fizemos, também, o registro fotográfico, no intuito de mostrar a beleza potencial que temos e que não é preciso deixar o lugar onde vivemos para nos sentirmos felizes.

Ressaltamos a importância da escola do campo inserida no campo, buscando evidências que fazem com que a escola seja um referencial para esta comunidade.



Como um processo lento, mas gradual, a aprendizagem tem um tempo e uma modalidade que cabe em especial a “escola”, oferecer, surgirá um emaranhado de situações do dia a dia que possam sistematizar todo o processo de ensino-aprendizagem, por outro lado não se deseja afirmar, que seja somente na escola, como o único lugar onde deve ocorrer estas mudanças, mas também e principalmente dentro do seio familiar, nas associações, na comunidade em geral.

A educação não é somente a transmissão de conhecimentos científicos e sim uma preparação para a vida, para que os/as educandos/as possam construir o seu próprio conhecimento, transformando sua realidade, construindo caminhos para conviver melhor em sociedade.

Entretanto, o/a educador/a deve ser um/a orientador/a do/da educando/a nesta busca do aprendizado, tornando mais ativo o seu papel na educação, oferecendo diversos mecanismos de interação que proporcione a todos/as, serem compreendidos/as pelos seus desejos e anseios, buscar apoio em todos os setores sociais e especializados, de modo, a estar sempre conscientes sobre os ideais da Educação do Campo e para o campo.

## Referências

ALTERNFELDER, Anna D. CLARA, Regina A. **Memória e Escola**. Disponível em: [http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com\\_content&view=article&id=185&catid=18:artigos&Itemid=148](http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&view=article&id=185&catid=18:artigos&Itemid=148) Acessado em: 30 Março 2011.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BASSANI, Kelli Carolina. **O valetão que engolia os meninos e outras histórias de Pajé**. Se bem me lembro - caderno de orientações da Olimpíada de Língua Portuguesa, 2010

BELINKY, Tatiana. **Transplante de menina**. São Paulo: Moderna, 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Movimento Sem Terra: lições de Pedagogia**. Currículo sem fronteiras, v.3, n.1, p. 56, Jan/Jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli1.pdf>. Acesso em 31 Março 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultura para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**, 14ed., São Paulo, Cortez, 2003,

GATTAI, Zélia. **Anarquista, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

GHEDINI, Maria Cecília. ORÇAY, Solange Von. **Educação do campo: uma “pedagogia em movimento” gestando uma escola que se re-faz com os sujeitos.** Matinhos: UFPR Litoral, 2009.

NETO, Antonio Gil. **Como num filme.** Se bem me lembro - caderno de orientações da Olimpíada de Língua Portuguesa, 2010

MÁRQUEZ, Gabriel G. **Viver para contar.** 2ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2003.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** São Paulo: Cia das Letras, 1942.

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky – Aprendizado e Desenvolvimento – Um processo sócio-histórico.** São Paulo, Scipione,1997.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai.** Belo Horizonte: RHJ, 1995

SILVA, Alberto da Costa e, SOUZA, Francisco Felix de. **Mercador de escravos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora da UERJ, 2004.